

A Estética da angustia:

*Uma revelação ontológica do ser: em A Náusea de Jean Paul Sartre á luz do pessimismo
metafísico de Arthur Schopenhauer*

Alan Dominguez¹

Prof. Dr. Helder Mariani Pires²

AGRADECIMENTOS

Ao querido Helder pelo seu encontro energético de afeto e conhecimento com meu espírito e por compartilhar a “Náusea” comigo ao longo dessa pesquisa. Agradeço também a minha companheira amada Nicoli Rizzoli, que acompanha e nutre minhas navegações filosóficas desde o começo.

RESUMO

A angustia sartriana associada ao sofrimento metafísico schopenhaueriano visa uma comparação temática com valor interpretativo, embora ambas sejam categorias filosóficas radicalmente distintas, Sartre e seu existencialismo fenomenológico, Arthur Schopenhauer influenciado por Kant e o idealismo alemão do séc. XVIII, o campo da estética aparece como conciliação possível em uma busca de um sentido existencial ou a ausência dele. A dimensão da angustia sartriana nos envolve em seu romance “ A Náusea” com o tema da contingência e liberdade, a negação do real representada pelo personagem fictício Roquentin com suas crises nauseantes na qual o refúgio estético aparece com a música e a literatura que o inspira a agir e criar. Á luz que o filósofo da

¹ Aluno de Filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Realizou iniciação científica no Grupo de Estudos Ética, Estética e Revolução Tecnológica. E-mail: alan.dominsrodri213@gmail.com.

² Professor dos cursos de bacharelado, licenciatura e tecnólogos da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e docente do Grupo de Pesquisa Ética, Estética e Revolução Tecnológica. E-mail: helder.mariani@fapcom.edu.br.

vontade nos oferece, Arthur Schopenhauer, em seus escritos encontramos uma análise profunda e autêntica sobre as artes em sua metafísica do belo, inspirado pela música do maestro e compositor Richard Wagner ele vai encontrar anestesia da dor e do sofrimento metafísico, diagnosticada de forma radical em sua principal obra “o mundo como vontade e representação”, sendo a música sublime e diferente de todas representações. Portanto, enquanto categorias estéticas essa pesquisa visa articular a experiência do sensível, a reflexão filosófica e a dimensão artística da existência.

Palavras-chave

náusea; existência; sofrimento; estética

INTRODUÇÃO

O sofrimento humano sempre ocupou um lugar central na reflexão da história do pensamento filosófico, seja como condição existencial inevitável, seja como fonte de expressão estética. Na tradição moderna, poucos pensadores trataram essa dimensão com a radicalidade de Arthur Schopenhauer. Em Schopenhauer, o sofrimento é expressão direta da vontade cega de viver, princípio metafísico que se manifesta incessantemente através dos fenômenos. O mundo, sendo “vontade e representação”, carrega em sua própria estrutura a dor inerente ao desejo insaciável. Entretanto, é na contemplação estética que o sujeito encontra, ainda que brevemente, uma forma de suspensão dessa dor — um momento de libertação metafísica.

Já em Sartre, a angústia existencial se revela sob a forma de náusea que se encontra na própria existência do ser e fora dela, ou seja, a náusea está no mundo e tem como sentido revelar a angústia como sendo um dos motores da vida. Em “A Náusea”, o protagonista Roquentin vive o colapso do sentido e da identidade, experienciando o mundo como pura facticidade. O sofrimento, nesse contexto, não é apenas psicológico, mas ontológico, resultado da liberdade radical e do confronto com o nada.

Diante disso, propõe-se investigar de que modo o sofrimento, enquanto categoria estética pode nos inspirar em busca de um sentido existencial, embora situados em tradições distintas — o pessimismo metafísico e o existencialismo fenomenológico —, ambos convergem na tentativa de compreender a dor como revelação do ser. Essa aproximação não visa apenas uma comparação temática e sim a elaboração de um conceito “estética do sofrimento” capaz de articular a experiência sensível, a reflexão filosófica e a dimensão artística da existência.

As coisas não vão bem, não estão bem de modo algum: estou com ela, com a sujeira, com a Náusea e dessa vez é diferente, me veio num café. Até agora os cafés eram meu único refúgio, porque estão cheios de gente e são bem iluminados: já não haverá nem isso; quando me sentir encurralado em meu quarto, já não saberei aonde ir. (SARTRE, 2005, p.34).

Jean Paul Sartre famoso por escrever peças de teatros, romances - sendo “A Náusea” o seu primeiro livro, um romance literário, ele encontra na arte da escrita uma forma de expressão que revela em seu ser a angústia de Roquentin e sua companheira a náusea. Sartre tinha intenção de nomear como título de seu livro ‘A melancolia’ o título não foi bem aceito pela editora francesa Gallimard, responsável pela publicação da obra na época que só aceitou que publicasse se mudasse o título, com a sugestão de ‘a náusea’, o livro foi muito bem aceito pelos seus interlocutores.

O personagem do romance sartreano, Roquentin, é atormentado por representações do mundo e a náusea é uma crise da consciência, que se sente existir por todo o tempo, um sintoma de realidade que visa a liberdade do ser. O livro é escrito em formato de diário pessoal, Roquentin, um intelectual e historiador de 34 anos, (mesma idade que Sartre tinha ao publicar o livro) decide escrever sobre o Marques Rollebon (personagem fictício), um aristocrata misterioso do século XVIII, Roquentin é um personagem solitário que pode fazer o que tem vontade pois não tem filhos, esposa e tem um bom emprego, ele viajou diferentes países e sua concentração sempre está em suas pesquisas, nesse diário pessoal escrito e incentivado por sua solidão ele expõe suas inquietações com a pesquisa e cidade, de forma quase que desinteressada escreve sobre uma desilusão amorosa que ganha uma proporção viva e intensa ao longo da trama, nesse sentido podemos dizer Roquentin se encontra insatisfeito com os desejos realizados ao longo da sua vida, não se reconhecia no tempo, com suas aspirações e inquietações sem propósito algum.

O melhor seria anotar os acontecimentos dia a dia. Manter um diário para que possam ser percebidos com clareza. Não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda quando pareçam insignificantes e sobretudo classificá-los, é preciso que eu diga como vejo essa mesa, na rua, as pessoas, meu pacote de fumo, já que foi isso que mudou. É preciso determinar exatamente a extensão e a natureza dessa mudança. (SARTRE, 2005p.16).

O Enigma da vida e o nada

Schopenhauer, estudioso da antropologia de Platão e altamente influenciado pelas ideias de Kant, apresenta um dualismo em sua teoria do conhecimento, ao se deparar com a dialética transcendental e a ideia de número (coisa em si) e fenômeno.

Kant diz que a ideia de fenômeno é tudo aquilo que podemos conhecer na dimensão do espaço, tempo e causalidade, fazendo uma crítica radical a metafísica tradicional ao escrever a sua crítica

da razão pura publicada em 1781. No entanto, Kant retoma a metafísica quando apresenta a ideia de número, sendo a coisa em si tudo aquilo que não podemos conhecer, por exemplo a ideia de Deus, imortalidade da alma etc. E que só poderíamos conhecer os atributos, quando afirmamos que deus é bom, só conhecemos a virtude da bondade. Nesse caso, o dualismo de Kant se manifesta intensamente no dualismo schopenhaueriano que no caso a vontade é a coisa em si e a representação os fenômenos, porém o que diferencia o filósofo pessimista de Kant é que a coisa em si pode ser conhecida.

“ O mundo é minha representação” - esta é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o ser humano possa trazê-la a consciência refletida e abstrata: e de fato o faz, então nele surge a clarividência filosófica. Torna-se lhe claro e certo de que não conhece sol algum nem terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra e que o mundo que o cerca existe apenas como representação, isto é, tão somente em relação a outrem, aquele que representa, que é ele mesmo. (SCHOPENHAUER, LIVRO I, PAG 3).

A filosofia metafísica que Schopenhauer propõe vai pensar os conceitos de vontade e representação, na qual a filosofia do impulso irracional inconsciente que é à vontade tem em contrapartida passar por uma crítica a razão humana, a vontade tem como pano de fundo desmascarar o narcisismo racional do homem, pois ele não se vê despido sobre a primazia da razão legisladora que conduz ao bom. E descobre o fundo sem fundamento da própria natureza, um fundo insaciável, desejante, sem objetivo final definido, o que torna a existência absurda em sua ânsia de viver e obter satisfação de desejos. Pois “toda vida é sofrimento” e mesmo que os desejos sejam satisfeitos e levem ao alívio do sofrer, contra cada desejo satisfeito, existem dez que não o são; e os desejos satisfeitos sempre voltam para o fim da fila, exigindo nova satisfação, com o que a ilusão se renova.

Se os desejos são satisfeitos muito rapidamente, se tornam acompanhados pelo tédio, se demoram, são acompanhados pela angústia. Sendo, portanto, a filosofia schopenhaueriana marcada por um pessimismo metafísico.

O mundo como vontade de representação fala do homem, do ser humano, da vida e do sofrimento, da paixão e do conhecimento, onde o amor e a ideia têm o mais nobre encanto pela vida, porque a vida é o amor, e a vida da vida é espírito. (MANN, 2008 p.20).

No pensamento vivo de Schopenhauer Deus, eu e você, e a morte existimos tão somente como uma parede imaginária, na qual o único fenômeno da vontade é o sujeito, o que conhece tudo e não é conhecido por ninguém, pois se o ser desaparece, desaparece com ele o mundo e as suas representações. Mas onde houver vontade haverá vida no mundo, vemos o indivíduo nascer e morrer, sendo ele apenas um fenômeno, certamente a vida é um presente, saído do nada e,

despejado pelo seu presente com a morte, voltamos ao nada, onde nascer e morrer são apenas fenômenos da vontade, nesse caso o indivíduo não interessa em nada a natureza. Aqui a vida está presa à vontade e o presente preso a vida, o conhecimento separado do querer, é quem nesse espelho percebe distintamente essa vontade, o pessimismo de Schopenhauer é sua humanidade revelando o mais profundo, o mais noturno dos abismos, fazendo da vida quase que um sonho na qual passado e futuro são abstrações do espírito, possuímos para sempre o presente que nos acompanha como sombra de toda eternidade, a razão só é responsável por criar conceitos e a angústia da consciência visa somente o ser.

A ideia é analisar o que faz da existência enigmática e misteriosa, e para o filósofo alemão uma dessas intuições intelectuais está em nossa relação com a morte, ora, se a gente vivesse para sempre será que o sofrimento em relação a finitude passaria despercebido? nesse caso pensar na imortalidade da alma e no sofrimento é uma intuição filosófica, já com Platão em seu Fédon, o filósofo é aquele que está mais perto da morte, do inteligível, e aqui o mundo das ideias se faz encantador, quase que um espetáculo do saber sofrer pois afinal é se perguntar com Schopenhauer e Sartre porque o mundo existe.

A leitura de “A Náusea” e do pessimismo metafísico de Schopenhauer permite que possamos compreender em como a literatura existencialista e a filosofia pessimista se encontram em uma tentativa de revelar nossa existência, a vontade schopenhaueriana é falta e nos causa uma enorme angústia existencial se manifestando na náusea que é existir, com Sartre porque fazemos o que fazemos dando consciência e linguagem ao irracional e assumindo a responsabilidade que temos diante de nossas vontades, e com Schopenhauer aceitar a tempestade de nossas paixões motivada pela vontade autônoma. Pensar, portanto, com ambas as filosofias a liberdade da vontade caracterizada no romance escrito por Sartre tendo como consequência manifestar a ideia de vontade a essência de nossas aspirações mais livres.

Me empurro-o e salto do bonde. Não aguentava mais. Já não podia suportar que as coisas estivessem tão próximas, empurro um portão de ferro, entro, existências leves se erguem de um salto e se empoleiram, agora me reconheço, sei onde estou: estou no jardim público. Deixo me cair num banco entre os grandes troncos negros, entre as mãos negras e nodosas que se erguem para o céu. Uma árvore raspa a terra sob meus pés, gostaria tanto de me abandonar, de esquecer de mim mesmo, de dormir. Mas não posso, sufoco, a existência penetra em mim por todos os lados, pelos olhos, pela boca e subitamente o véu se rasga: compreendi, vi. (SARTRE 2005 p.147).

Existencialismo e liberdade

Vale também pensar a discussão documentada por Jean Paul Sartre sobre o movimento existencialista. Em 1945, Sartre realiza uma conferência chamado o existencialismo é um humanismo, o sentido era procurar entender o que significava de fato a expressão tão conhecida no vocabulário filosófico, que é a existência precede a essência, para o existencialismo sartreano não há um Deus criador e se não há um Deus para conceber o homem e lhe dar uma finalidade prévia, um Deus que construirá o homem a sua imagem e semelhança, então o homem simplesmente existe, e a sua “essência” será apenas aquilo que ele fizer de si mesmo, aquilo que ele quiser.

É importante falar que o existencialismo se trata essencialmente de um modo de vida, uma ética, nesse sentido Sartre retoma a subjetividade no ápice da sua solidão com o cogito cartesiano, e diz que o primeiro esforço existencialista é colocar o homem no domínio do que ele atribuir total responsabilidade da sua existência pois para Sartre as ações individuais produzem a imagem do homem, escolhendo-me, escolho o homem.

No caso para Sartre esse sentimento de responsabilidade produz uma enorme angústia, o homem ligado a um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade. Pensamento esse que traz à tona outro conceito importante de Sartre colocado em sua conferência, o que ele chama de Má fé. Sartre diz que fugir dessa responsabilidade inquietante seria alguém que não está bem com sua consciência, pois o homem, está condenado a inventar o próprio homem, sendo o homem o futuro do homem.

Para Sartre o sentimento é construído por nossos atos e nenhuma moral ingênua pode dizer o que fazer, pois não existe sinais no mundo, o homem é responsável por desenhar seu retrato e para lá desse retrato não há nada, o covarde é responsável pela covardia, pois há sempre uma possibilidade para o covarde de não ser covarde e o herói é responsável pelo o heroísmo, nesse caso não existe doutrina mais otimista para o homem, pois o destino do homem está em suas mãos e que a única coisa que permite o homem viver é o ato.

Portanto podemos dizer que todo homem que se refugia na desculpa que inventa um determinismo é um homem de má fé, sendo evidentemente uma mentira porque dissimula a total liberdade do compromisso. Mas se procuramos um conselho junto a um padre, por exemplo, é que escolhemos esse padre, no fundo sabemos diz Sartre que tipo de conselhos ele pode nos dar, por outras palavras, escolhemos o conselheiro é ainda comprometermo-nos, assim, procurando-me a mim, sabia já a resposta que eu mesmo poderia me dar, Sartre diz que a única resposta possível para o sofrimento é inventar.

Isso quer dizer que não posso procurar em mim o estado autêntico que me obrigará a agir e nem pedir a uma moral conceitos que me autorizem a agir. O homem ao desenhar seu retrato traz consigo a compreensão de que só conta a realidade, que os sonhos, as expectativas, as esperanças apenas permitem definir um homem como sonho malogrado, como esperança abortada, como expectativa inútil, pois o homem nada mais é do que a sua vida, um conjunto das relações que constituem estes empreendimentos. Sartre diz que para obter uma verdade sobre si, é necessário que passe por um outro pois o outro é indispensável a minha existência, nesse caso a descoberta da minha intimidade descobre se ao mesmo tempo como liberdade posta em face de mim, que nada pensa e nada quer senão a favor ou contra mim. Assim, descobrimos imediatamente um mundo que chamamos de intersubjetividade, e é nesse mundo que o homem decide sobre o que ele é e o que são os outros. A liberdade em Sartre é o fundamento de todos os valores, o existencialista quer a liberdade pela liberdade e descobre que ela depende inteiramente da liberdade dos outros e que a liberdade dos outros depende inteiramente da nossa, uma vez que existe o compromisso sou obrigado a querer minha liberdade e a do outro.

Sartre reconhece que o homem é um ser livre que não pode, em qualquer circunstância renunciar à liberdade. isso significa que homem é antes de tudo é livre, não há destino ou vontade de Deus em todas as suas ações, o homem só pode contar consigo mesmo, ou seja, a moral tradicional baseada nos valores cristãos não serve a essa filosofia, assim o existencialismo filosófico tem como pretensão criar uma moral laica, sem Deus. A posição ateia de Sartre e o que ele chama de existencialismo parte do desespero original, o existencialismo não é de modo algum um ateísmo no sentido de que se esforça para demonstrar que deus não existe. Ele declara antes ainda que deus existisse, em nada alteraria a questão, Sartre pensa que o problema não é deus existir ou não existir, mas que é necessário que o homem se reencontre a si próprio e se persuada de que nada pode salvá-lo se si mesmo, nem mesmo a prova válida da existência de deus, nesse sentido, o existencialismo é um otimismo, uma doutrina da ação.

A Náusea de Roquentin uma categoria estética da angustia

O sujeito é o que a vontade quer, a náusea de Sartre é um problema filosófico e sua companheira que através do cotidiano de Roquentin percebemos que a náusea está no mundo, aqui o domingo que termina deixam com nos um gosto de cinza em nossos pensamentos onde é exatamente aqui que a vida de Roquentin começa, Roquentin é atravessado por um cotidiano amargo, ele expressa isso quando é questionado sobre as aventuras de sua vida, na qual as pouquíssimas interações que ele tem, é com o Autodidata, aqui é uma anedota de Sartre, o autodidata é caracterizado por Sartre como um personagem intelectual que lê os livros em ordem alfabética, aquele que conhece de tudo e fala sobre tudo, em Sartre o autodidata é um humanista, o espectro da razão guiado para o bem, um homem de virtudes, Sartre por sua vez ironiza essa ideia na figura de autodidata, que é uma das poucas interações que Roquentin tem no cotidiano da biblioteca com sua pesquisa sobre o Marques, e o mesmo o despreza, o autodidata o admira, pelo simples fato de ser um intelectual,

Roquetin ao ser questionado sobre suas aventuras pensa no quanto se sentia orgulhoso por ter viajado diferentes países, mas perde esse orgulho logo quando pensa sobre o significado da palavra aventura e se é apenas uma palavra para histórias e aqui aparece algo interessante, a estética do sofrimento talvez fosse a simples anestesia dele, seria isso uma aventura?

Não tive aventuras, aconteceram-me histórias, fatos, incidentes tudo o que quisesse, mas não aventuras. Não é, é uma questão de palavras; começo a entender, há algo que eu prezava mais do que todo o resto, sem perceber muito bem. Não era amor, deus meu, nem a glória nem a riqueza.

Era ...enfim eu imaginara que em determinados momentos minha vida podia assumir uma qualidade rara e preciosa. Não eram necessárias circunstâncias extraordinárias: tudo o que eu pedia era um pouco de rigor. Minha vida atual nada tem de muito brilhante: mas de quando em quando, por exemplo tocavam música nos cafés, eu evocava o passado e me dizia: em outras épocas, em Londres, mequins, em Tóquio vivi momentos admiráveis, é isso agora que tiraram de mim, acabo de descobrir e sem razão aparente, que menti a mim mesmo durante dez anos. (SARTRE 2005 p.54).

O personagem sartreano parece ter uma certa inveja também das pessoas ao redor não sentir o que ele chama de náusea, ele descreve de forma sutil esse sentimento, no fundo ele quer sentir que viveu aventuras, que suas viagens, pesquisas e relacionamentos tenham sentidos, sem sentidos obscuros, um sentimento de satisfação com a superficialidade das relações, o personagem descreve as ruas, a cidade como sua companheira, na qual para ele não existem segundas, terças e anos, quando se vive nada acontece, os cenários mudam, as pessoas entram e saem, eis tudo.

Os dias se sucedem, mas no fundo ele queria que fosse diferente e a náusea é seu destino ético, e ele está inteiramente sozinho.

Quis que os momentos de minha vida tivessem uma sequência e uma ordem como o de uma vida que recordamos. O mesmo ou quase que tentar capturar o tempo. (SARTRE, 2005 p.57).

Roquentin também tem alguns momentos confusos em relação à exposição dessa náusea, quando vai à cafeteria procurando anestesiá-la suas inquietações ou em bares, parece que ele consegue narrar de forma sublime seus acontecimentos, logo em seguida, no dia seguinte se arrepende do que escreve em seu diário, como uma ressaca moral, uma náusea em narrar de forma poética seus sentimentos em relação à existência, insistia em escrever seu diário como uma finalidade, de forma racional e categórica, mas a vontade irracional sempre aparecia no sublime de seus escritos, sentia que se inflava de um certo heroísmo que não se continha e isso também o agradava.

Ontem não tinha sequer a desculpa da embriaguez, entusiasmei como um imbecil, preciso me limpar de pensamentos abstratos, transparentes como a água. (SARTRE, 2005 p.74).

Roquentin ao longo de suas crises de náusea percebe ao logo da trama em como não se sente bem com a sua história de vida e seu presente em Bouville, logo depois de visitar o museu de arte ocupando esse espaço burguês na qual repudia, ele vai se sentindo desmotivado com sua pesquisa e parando de escrever, ele acorda e pensa que não quer pensar, pensa em como não pode mais escrever e em pânico pensa no vai fazer de sua vida. A catarse em que esse momento acontece na trama é quando ele pensa no passado do Marques de Rollebon, que até então Roquentin não teve forças para reter o próprio passado, e o porquê esperar salvar o de outra pessoa? Mesmo cansado sobre as reflexões sobre o próprio passado que o atravessava durante a sua história e de repente ele se vê diante de sua mesa de frente e bloco de folhas e pensa que a única coisa existente é o presente e nada além do presente moveis sólidos, uma mesa, uma cama e ele próprio revelando a própria natureza do presente era o que existia e tudo que não era presente não existia, nem mesmo seu pensamento e para Roquentin pensar no passado era apenas uma aposentadoria ou estado de férias, e aqui era difícil imaginar o nada que agora finalmente ele sabia, pois para se imaginar o nada era preciso estar nele e o nada aqui tem substancia ontológica, era a presença da própria ausência, enfim, Roquentin desistiu de sua pesquisa.

Uma imensa repugnância invadiu subitamente e caneta me caiu da mão cuspidando tinta. Que acontecera? Estava com a náusea? Não, não era isso, o quarto estava com sua aparência protetora de todos os dias. A mesa quase não pesava mais, a caneta estava compacta. Só que o sr de Rollebon acabava de morrer pela segunda vez. (SARTRE 2005, p.115).

Ao se dar conta que o passado é meramente uma abstração caracterizada na história de Rollebon automaticamente Roquentin reflete sobre sua própria existência e o fato de ainda estar vivo. Sentimento esse assustador pois para Rollebon ser precisava de Roquentin e ele precisava de Rollebon para sentir o seu próprio ser, a finalidade de sua pesquisa com o Marques era sua razão de ser, e agora ele tinha acabado de perder que no caso de Roquentin nesse momento acaba de se liberta de si próprio e tem uma crise de existência que o assombra e pensa na existência como a sua própria essência e natureza na qual não existia nada além dela, aqui Sartre antecipa alguns conceitos de sua obra mais rica e importante na história da filosofia escrita em 1943 “O ser e o nada” (*L’etre et le néant*). A existência se manifesta contra a existência quando ele toca o jornal, os pensamentos ficam difusos com tamanha descoberta filosófica e existencial, Roquentin tem uma espécie de epifania, beirando a uma psicose ele esfaqueia sua própria mão e se pergunta o que foi que mudou, já que nada na existência ele sentia o seu ser, olha com uma certa satisfação para

sua própria mão ao se deparar com um pouco de sangue que o separa de si mesmo e escreve em seu diário.

Nesse dia desisti de fazer meu livro sobre o marques de Rollebon. (SARTRE 2005 p.125).

Em seu dia seguinte na biblioteca com o autodidata em uma mesa, percebe um círculo de sol sobre a toalha de papel uma mosca e pensa ao se deparar com a mosca, ‘vou fazer um favor e esmagá-la’ o autodidata exclama ‘Não a mate, senhor’ e Roquentin diz ao Autodidata, ‘libertei de sua existência’, ao desistir de sua pesquisa Roquentin percebe que só resta uma esperança ao existir, que é a Anny, um romance vivenciado por ele no passado e que depois de 3 anos ele recebe uma carta de Anny dizendo que está na cidade e para a encontra-la em um hotel. Roquentin demonstra ressentimento em relação a Anny, como quem quisesse que fosse diferente no presente do que foi no passado mesmo sabendo que não é possível pois ele supõe conhecer muito bem a Anny.

Dentro de quatro dias reverei Anny no momento é essa minha única razão de viver e depois? Quando Anny estiver me deixado? Sei muito bem o que espero sorrateiramente: espero que ela nunca mais me deixe. No entanto deveria saber que Anny jamais aceitaria envelhecer diante de mim, sinto me fraco e só, preciso dela. Teria gostado de vê-la em pleno vigor, pois Anny não tem piedade de destroços. (SARTRE 2005 p.123).

Nesse mundo de absoluta contingência não é possível ao sujeito construir uma identidade: o mundo que perde o aspecto cotidiano faz Roquentin não reconhecer seu próprio rosto no espelho (ibidem, p.35). O afastamento de Roquentin das rotinas sociais permite a exacerbação do excesso que caracteriza as coisas percebidas. Roquentin não dispõe dos mecanismos sociais que, cristalizando o mundo dentro de relações pré-determinadas, disfarçam o absurdo da existência e dão sentido à vida. A existência é revelada a Roquentin como fatos presentes sem justificativa, sem relação, sem utilidade, sem passado ou futuro. Roquentin encontra no imaginário a possibilidade de construir um sentido estável para a sua vida que será também uma fuga do inconsistente mundo real que o conduz à perda da identidade. Essa esperança de “salvar-se” da existência é pressentida quando ele escuta um velho ragtime no Rendezvous des Cheminots. Roquentin pensa que poderia escrever um romance de aventuras, narrar algo irreal e não uma biografia de alguém que verdadeiramente existiu, como até então almejava.

A contemplação desinteressada de Schopenhauer

Schopenhauer tem seu ponto de partida na estética de Kant, a qual considerou que o belo surgiria baseado em sentimento livre de conceitos relacionados a um sentimento de prazer.

O belo é um prazer desinteressado.

A estética, segundo Kant, é uma dimensão subjetiva do mundo, que precisa da estrutura espaço-temporal para fazer julgamentos. Em primeiro lugar, ele aponta que os julgamentos de gosto são essencialmente subjetivos, pois eles vêm de nossos sentimentos, não de um fato objetivo no mundo. Para Kant, seria impossível ter um conhecimento que não fosse condicionado pelas formas de cognição, a coisa em si mesma é inacessível à mera intuição empírica. Mas, segundo Schopenhauer, o entendimento tem três categorias, a da causalidade, o tempo e o espaço. Tanto quanto Kant, Schopenhauer também afirma que é possível transcender o mundo como fenômenos e entrar em contato com a realidade quando, em casos raros, o intelecto consegue deixar de lado as estruturas do mundo nas categorias de espaço, tempo e causalidade. E essa mudança de percepção nos permite entrar em contato com a coisa em si - que é o que constitui a experiência estética, característica essa do puro sujeito do conhecimento, na qual o filósofo da vontade vai chamar de gênio. Aqui a experiência da coisa em si sendo a fantasia revela ao gênio a condição de, a partir do pouco que chegou a sua percepção efetiva sobre a realidade permite a construir todo o resto e assim deixar desfilar diante de si quase todas as imagens possíveis da vida, ampliando a quantidade e sobretudo a qualidade da vida, o gênio precisa da fantasia para ver na natureza o que ela não formou, sendo, portanto, a fantasia sua fiel companheira. A essência do gênio se encontra em sua capacidade de apreender nas coisas objetivas a suas ideias.

Para o homem comum, a faculdade de conhecimento é a lanterna que ilumina seu caminho, já para o gênio, é o sol que revela o seu mundo. (SCHOPENHAUER, 2003 pág. 64).

Schopenhauer em sua “Metafísica do Belo”, escrita em 1820, tem como proposta investigar a essência íntima da beleza, o filósofo eleva a arte a uma categoria suprema e reconhece na contemplação desinteressada, uma forma de neutralizar momentaneamente o sofrimento existencial, em sua última passagem no livro, quando Schopenhauer é iluminado pela música de Wagner, um maestro, compositor e diretor de teatro, pioneiro do avanço da linguagem musical que muito influenciou a música erudita europeia.

O filósofo alemão separa a música de todas as artes, na qual não é somente uma cópia ou representação, uma natureza morta, o filósofo pensa na música como um efeito estético, uma

exposição para o exposto, portanto uma cópia para o modelo, restabelecendo um dos vigores da vida, uma relação íntima que no caso não pode ser representação, sendo a coisa em si, a essência da música se manifesta em nossos sentimentos mais íntimos.

A contemplação interessada de Roquentin

No final do romance, Roquentin, decidido em não continuar com sua pesquisa, desiludido com o grande amor de sua vida nomeado por Sartre como Anny e com a cidade em que vive, Roquentin afirma, “a cidade tomou a iniciativa de me abandonar, me sinto mais esquecido do que nunca e se pergunta, quem se lembra de mim? pensa em Anny como quem ainda que amasse de todo o coração seria um amor de uma morta e afirma ter tido seu último amor vivo, em seguida diz, para ela existo tanto como se a nunca tivesse encontrado, esvaziou de mim todas as outras consciências do mundo e diz que tudo que permanece de real é a existência que se sente existir, antes de partir, o personagem passa em sua cafeteria favorita na cidade de Bouville, na qual tocava uma música que contemplava o coração de sua existência, “some of these days, you miss me, honey”; o personagem pensa na composição da música, pensa em quem escreveu sem pretensão alguma de ser escutada, a música atravessa o personagem e é nesse momento que ele decide recomeçar, pois ele entende que precisa continuar escrevendo, só que dessa vez escrever algo jamais escrito por ele mesmo, o personagem Roquentin, aceita o começo de algo novo, aceita seu passado morto, e termina o romance dizendo, o canteiro de obras da nova estação cheira intensamente a madeira úmida, amanhã choverá em Bouville”. Talvez por vontade ou ironia do destino, Jean Paul Sartre ao escrever esse romance também escutasse Wagner, como Arthur Schopenhauer, em sua “Metafísica do Belo”.

Considerações finais

É de extrema importância com essa investigação apontar as diferenças filosóficas essenciais de Schopenhauer e Sartre sobre a liberdade e os demais conceitos, a vontade não é mero psicologismo, é uma condição metafísica do ser, a essência da natureza, que Sartre jamais aceitaria, pois, inserido em outro contexto histórico Sartre tem como fundamento a fenomenologia, que por sua vez tem como crítica radical a subjetividade e o idealismo, a consciência em Sartre é objeto e não sujeito, portanto, a náusea de Sartre não é uma necessidade metafísica como a vontade em Schopenhauer, a náusea é uma resposta concreta que envolve radicalmente a liberdade como responsabilidade do ser que o idealista alemão também não aceitaria.

A ontologia de Schopenhauer é guiada pela natureza da vontade irracional que não dá margem a nenhum tipo de liberdade, pois concretamente para o filósofo alemão a liberdade é uma ilusão, pois sendo a vontade irracional e autônoma ela não tem de querer sendo a questão da liberdade em Schopenhauer radicalmente diferente com a de Sartre. Portanto a hipótese complementar propõe que Sartre e Schopenhauer divergem quanto à possibilidade de superação dessa condição.

Para Schopenhauer, a libertação do sofrimento reside na negação da vontade — isto é, na renúncia dos desejos e na suspensão do querer viver, o que conduz a uma forma de paz contemplativa e estética. Já para Sartre, o reconhecimento do absurdo e do desamparo humano não conduz à negação, mas à afirmação da liberdade como condenação inevitável do homem: livre para criar sentido em um mundo desprovido de essência. Assim, a náusea, em Sartre, não apenas revela o sofrimento metafísico, mas também inaugura a possibilidade da escolha e da responsabilidade existencial. Assim, o romance sartreano, lido à luz do pensamento schopenhaueriano, evidencia tanto a continuidade da tradição pessimista quanto a abertura para uma nova compreensão do homem como ser livre, responsável e criador de sentido em um mundo desprovido de fundamento. Embora duas filosofias sejam radicalmente diferentes e a pesquisa de interesse e caráter com valor interpretativo, a náusea de Sartre e a vontade de Schopenhauer encontram na estética uma possível resposta para o sofrimento da condição da existência. Por fim, a pesquisa adota uma abordagem interpretativa e reflexiva, compreendendo a filosofia não apenas como sistema teórico, mas como exercício crítico de pensamento capaz de iluminar a condição humana. Dessa forma, a metodologia sustenta a análise da estética do sofrimento como categoria filosófica situada no cruzamento entre ontologia, estética e existência.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do belo**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.

FONTES SECUNDÁRIAS E COMENTADORES

DUARTE, Rodrigo. **O belo e o autônomo: textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MANN, Thomas. **O pensamento vivo de Schopenhauer**. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SARTRE, Luiz Damon. **Existencialismo e liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

VANDENABEELE, Bart. **Schopenhauer e os valores da experiência estética**. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: UNESP, 2012.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.